

A LÍNGUA DE SINAIS DENTRO DO CONTEXTO DA DANÇA: CRIAÇÃO DE SINAIS NA LIBRAS PARA AULAS DE DANÇA INCLUSIVA

VICTOR TECHERA SILVEIRA¹;
KARINA ÁVILA PEREIRA³

¹*Universidade Federal de Pelotas – victor.techera.silveira@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – karina.pereira53@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A escrita desse texto tem o objetivo de explanar o processo de acessibilidade e comunicação que aconteceu no projeto de extensão “A Comunidade Surda Reinventando a Arte do Balé” e que reverberou no Estágio em Dança I, do curso de Dança Licenciatura da UFPel.

O projeto de extensão mencionado proporciona desde 2018 aulas de dança para pessoas surdas da cidade de Pelotas/RS, viabilizando aulas de dança para crianças e adultos surdos. No ano de 2019 produziu um espetáculo chamado “Vivências Surdas: Práticas Artísticas” mostrando para a comunidade que os surdos podem dançar.

Por ser um projeto de extensão onde os alunos são sujeitos surdos a comunicação existente entre monitores e alunos acontece em Libras. A solicitação de intérpretes é feita, apenas em eventos esporádicos.

Durante meu Estágio em Dança I vivenciei a experiência de ser professor de dança dentro da disciplina de artes na Escola Especial Professor Alfredo Dub e me comunicava com os alunos surdos somente em Libras. A escola é referência na região de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), proporcionando também eventos artísticos e de esporte para a comunidade surda de Pelotas e região.

Dentro dessas vivências trago aqui um relato de uma das alunas surdas do projeto de extensão, que fala sobre como foi importante e significativo para ela ter um professor ouvinte que se comunica em Libras, construindo assim uma relação mais direta e inclusiva com o aluno.

Porque ele sabe Libras. Alguma palavra que não tinha sinal ele explicava o significado e assim a prática continuava. Como ele sabia o significado da palavra ele só explicava e assim a prática se desenvolvia. (EXPRESSA EXTENSÃO, 2020, p. 286)

O processo de criação de sinais dentro da Libras, não é algo que se faz aleatoriamente. É necessário a vivência da pessoa surda no contexto em que se quer criar os sinais, nesse caso a dança, e alguns mecanismos linguísticos. Felten (2016) e Santos (2017) citam alguns desses mecanismos: a Iconicidade, que se baseia na relação de semelhança visual entre o objeto e o sinal; a Metáfora, onde um sinal trata de uma figura de linguagem que representa conceitos, ideias e objetos; a Metonímia, quando trocamos o nome de uma marca pelo produto

Na no Centro de Letras e Comunicação (CLC) da UFPEL existe um projeto de pesquisa chamado *Spread the Sign*¹ que se dedica em realizar o mapeamento

¹ *Spread the Sign* internacionalização da Libras: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u3550>



e registro de sinais, proporcionando a sua internacionalização como uma ferramenta *online*.

2. METODOLOGIA

Vivênciar a dança dentro do projeto de extensão e no Estágio em Dança I me fez refletir sobre muitas coisas, umas delas foi a necessidade de um vocabulário de termos e palavras utilizadas somente no contexto da dança. Como improvisação, coreografia, corporeidade, palavras de movimentos como *plié*, meia ponta, *skip*, termos de técnicas de dança como *contractione/realise*, queda e recuperação, etc. Esses são alguns termos que exigem vivências em suas práticas para se entender minimamente eles.

O alfabeto manual (datilologia) auxilia quando alguma palavra não possui ou não tem divulgado o sinal da mesma, porém quando essa palavra ou termo é utilizada muitas vezes somente com esse alfabeto a comunicação fica menos fluida e prejudica assim processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma a busca e a criação de sinais dentro do projeto de extensão e no estágio foram acontecendo de formas diferentes.

No projeto de extensão, junto com as crianças e os adultos surdos fomos dialogando e explicando a necessidade da criação de alguns sinais para uma aula mais inclusiva e fluida na comunicação. E assim sempre em diálogo com os alunos surdos foi-se constituindo um vocabulário específico utilizado dentro do projeto de extensão. Sinais das palavras *Demi* e *Grand Plié*, *Skip*, Meia Ponta, *Temps Levé* que são movimentos da técnica das aulas de balé clássico para crianças surdas. Palavras da língua francesa que se fala nas aulas de balé da mesma forma em todo mundo, dentro do projeto de extensão ganharam sinais na Língua Brasileira de Sinais, de acordo com Brito (2010) chamamos essa ação de empréstimo linguístico.

Outro mecanismo citado por Brito (2010) é o de aglutinação, quando acontece a junção de 2 sinais para formar um novo. No balé clássico temos as posições pés 1^a, 2^a, 3^a, 4^a, 5^a e 6^a posição (sendo esses a junção de sinais já existentes como sinal de primeiro junto com sinal de pés). Temos também posições de braços 1^a, 2^a, 3^a posições de braços e preparatória (junção do sinal primeiro e o sinal de braços).

Com os adultos surdos fomos dialogando sobre sinais mais abrangentes que poderiam ser utilizados nas aulas de experimentação corporal em dança, sinais já existentes que pesquisávamos no projeto e levávamos para aula, e sinais novos como por exemplo o sinal do nome² do projeto criado pelos alunos surdos.

No Estágio em Dança I o processo de criação de sinais foi parecido. Houve uma divulgação dos sinais utilizados dentro do projeto, para as demandas das aulas de dança do estágio, assim como a divulgação de sinais existentes que são utilizados em outras partes do Brasil e divulgados por surdos. Por exemplo o surdo Victor Marley, acadêmico do Curso de Licenciatura em Dança da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco).

²“O sinal de batismo na comunidade surda é uma forma de identificação que é usada na Língua de Sinais para se referir a uma pessoa/empresa. Para ser mais objetivo: É tipo um nome na Língua de Sinais. Lembrando que só surdos podem batizar.” Fala do influencer surdo Gabriel Isaac em seu Instagram. <https://www.instagram.com/reel/CgvPsJ7jPxH/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.



Victor Marley³ utiliza as redes sociais para falar sobre sua experiência com o Curso de Dança Licenciatura da UFPE e disseminar sinais do meio dança que são utilizados na região em que mora.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com essas experiências foi-se constituindo dentro da minha vivência como professor de dança para pessoas surdas um vocabulário do universo da dança, tornando a comunicação existente entre professor e aluno mais acessível e por sua vez uma aula de dança mais inclusiva.

Sabendo que a Libras, uma conquista com muita luta da comunidade surda, é considerada por lei como primeira língua na vivência das pessoas surdas na relação com o mundo exterior. Percebe-se a necessidade de uma maior divulgação e aprendizado em massa dessa língua no contexto da dança.

Na luta dos surdos pelos seus direitos, um marco histórico e uma grande vitória foi a Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002, que legitima a Libras como uma língua oficial da comunidade surda e assim desenvolvendo práticas educativas na língua que lhe é acessível. (SILVEIRA, 2022, p. 27)

Importante destacar que foi graças a essa vivência dentro do projeto de extensão “A Comunidade Surda Reinventando a Arte do Balé” que tive a possibilidade de atuar dentro do Estágio em Dança I com pessoas surdas, fui durante 2 anos o profissional trilingue que recebia e traduzia o passeio de pessoas surdas que visitavam o parque *Snowland*⁴ em Gramado/RS, e também escrevi e defendi uma pesquisa sobre os processos metodológicos de ensino de danças para pessoas surdas, trabalho de conclusão de curso da graduação em Dança Licenciatura da UFPel.

4. CONCLUSÕES

Concluo esse texto falando sobre a vantagem de conhecer e saber mais de uma língua em um país, que em suas raízes tradicionalistas no âmbito linguístico não reconhece ou demora a dar o devido valor as diversas línguas faladas pela população de seu país.

Como citado acima, pude me tornar um profissional bilíngue que recepcionava as pessoas surdas no *Snowland*. Minha função no parque era ser bailarino e artista, porém por ser o único profissional de todo o parque que sabia língua de sinais (Libras) durante o período em que atuei, sempre me convocavam para ser o guia/tradutor das pessoas surdas que visitavam o parque.

Um desses visitantes foi o *youtuber* Gabriel Isaac e sua mãe Andréa Cristina. Ambos pessoas surdas que fizeram um diferença imensa na minha carreira acadêmica profissional. Tive uma troca de ideias e conhecimentos com eles que reverberou inúmeras inquietações nos meus processos de ensino

³ Victor Marley fazendo os sinais do contexto da dança.
https://www.instagram.com/reel/CTsE8_sIU_J/

⁴Avaliação do TripAdvisor de um casal de visitantes surdos sobre a minha presença como profissional trilingue no *Snowland*.
https://www.tripadvisor.com.br>ShowUserReviews-g303536-d4559087-r819106445-Snowland-Gramado_State_of_Rio_Grande_do_Sul.html

aprendizagem de dança para o público surdo, o relato de sua experiência e vivência foi de grande ajuda.

Nos processos da Libras, Gabriel Isaac me passou o sinal da palavra A-R-T-E-S, que em Pelotas/RS era feito de uma forma que fazia mais referência as artes visuais. O sinal que ele me passou faz referência a artes cênicas, o campo que pertencia mais a dança.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 18 de fev. 2022.

BRITO, L. F. Por uma gramática de línguas de sinais. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 2010. 273 p.

FELTEN, E. F. Glossário sistêmico bilíngue português-libras de termos da história do Brasil. 2016. 167 p. Dissertação (mestrado em Linguística) - Departamento de Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 18 de fev. 2020.

PEREIRA, K. A.; SILVEIRA, V. T. Vivências surdas: práticas artísticas. Expressa Extensão, Pelotas-RS, v. 25, n. 3, p. 283-288, 2020.

SILVEIRA, Victor Techera. Dança com surdos: reflexões sobre experiências sensíveis no projeto de extensão “A Comunidade surda Reinventando a Arte do Balé”. 2022. 11 f. Monografia (Graduação em Dança Licenciatura) – Faculdade de Dança Licenciatura – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, 2022.